Saindo das ruas

Revista Ocas oferece uma nova oportunidade de vida por meio do trabalho

Devolver a dignidade a moradores de rua por meio do trabalho é para muitos uma perspectiva distante. Um grupo de voluntários, no entanto, resolveu colocar a mão na massa e provar que esta não é uma tarefa impossível. A revista da Organização Civil de Ação Social (Ocas), sem fins lucrativos, tem por objetivo estimular a reintegração à sociedade de pessoas que vivem nas ruas.

O projeto foi lançado no Brasil primeiramente em São Paulo, em 6 de julho de 2002, e no Rio de Janeiro, dois dias depois. A inspiração partiu das iniciativas pioneiras do jornal americano "Street News" e da revista londrina "The Big Issue", que produziram as primeiras publicações de rua a terem vendas efetuadas por sem-teto no mundo. As experiências londrina e nova-iorquina inspiraram mais de 50 outros títulos de rua espalhados por cerca de 30 países.

Os objetivos da revista Ocas são reintegrar uma população que está à margem da sociedade civil, abrindo caminho para o debate, e buscar soluções para a questão do crescente desequilíbrio social no Brasil. O ideal que se transmite é o trabalho como uma possibilidade para a real transformação da vida das pessoas, assim como um alerta para a defesa da justiça social.

Para o vice-presidente da revista, Luciano Rocco, além de oferecer trabalho para a população de rua, o projeto atua também como um meio de expressão. "Além de gerar renda para essa população, a revista também é um canal para que esse grupo possa se expressar, para que possa ter voz na sociedade."

Revista é totalmente produzida por voluntários
A Ocas é produzida somente por voluntários, uma média de 15 profissionais fixos - jornalistas, designers e fotógrafos -, além de estudantes. A revista conta também com a ajuda de colaboradores. A Ocas é mensal e tem tiragem de 7.500 exemplares, com 75% da circulação em São Paulo e 25% no Rio de Janeiro.

Os voluntários desenvolvem o trabalho tanto na produção da revista, quanto na aproximação com a população de rua. Esse contato acontece durante as palestras e debates que são organizados e oferecidos pela revista em instituições de caridade, abrigos e nas ruas.

Os moradores de rua interessados em participar do projeto preenchem um cadastro e passam por uma entrevista, em que respondem sobre idade, grau de escolaridade, tempo de moradia nas ruas, causas para isso, necessidades imediatas e habilidades profissionais. Após o cadastramento, tomam ciência do código de conduta, recebem um colete e um crachá com foto que servem para identificação. A partir deste momento, ficam definidos os pontos de venda de cada novo vendedor da revista.

Os cadastrados recebem dez exemplares da revista, como capital de giro e depois passam a comprar cada uma da Ocas a R$ 1 e a vendê-las a R$ 3, obtendo R$ 2 por exemplar. Esse lucro não passa pela instituição, fica como renda para os vendedores.

A Ocas tem hoje cerca de 50 vendedores assíduos, 15 só no Rio. O projeto não cria vínculo empregatício formal, por isso é comum alguns abandonarem o trabalho no início ou permanecerem no projeto por um período curto.

- Muitos começam e desistem em seguida. Na maior parte das vezes, isso acontece pela dificuldade de adaptação a uma vida mais regrada, que exige disciplina. Além disso, alguns voltam para o alcoolismo, o que é muito comum nesta população - diz Rocco.

Sérgio José de Paulo Santos começou a viver nas ruas depois de perder o emprego:

- Eu trabalhava na Rede Manchete. Quando a emissora faliu, eu fali junto com ela - conta.

Ele confessa, no entanto, que não foi só o desemprego que o levou para a rua. "Há vários problemas por traz disso, que me levaram à banca rota. Tenho um problema de saúde, que graças a Deus, já é considerado uma doença pelo Conselho Nacional de Medicina, que é o alcoolismo."

Depois de passar dois anos e meio na rua, Sérgio resolveu procurar ajuda. Acionou o governo do estado e foi encaminhado para o abrigo Fundação João XIII, onde passou um ano. Saiu do abrigo por motivos de brigas e voltou para as ruas. Mas, desta vez, não ficou muito tempo. O governo tinha aberto outro abrigo, o Centro de Recolhimento de Benfica, e foi lá onde teve seu primeiro contato com a Ocas. Há três anos ele é vendedor da revista.

- Faz quase um ano que eu aluguei um quarto. Lá tenho minha geladeira, fogão, meu botijão de gás. Consegui tudo isso com o mérito do meu trabalho. Pago meu aluguel e boto comida em casa com o dinheiro da revista - diz.

Geraldo Gouveia de Morais era um dos vendedores mais antigos da Ocas. Na época em que se uniu ao projeto, a revista tinha apenas 15 dias. Teve o primeiro contato com o projeto em uma palestra no abrigo em que morava. No entanto, pouco depois desta entrevista, em que ressaltou a importância da Ocas em sua reinserção social, Geraldo morreu em um hospital público do Rio.

- Eu fui à palestra para catar umas bitucas de cigarro, e, quando percebi que se tratava de um projeto de ação e inclusão social, parei para escutar sobre o projeto. Na época, eu nem sabia direito o que era inclusão social, só sabia que era uma revista vendida por moradores de rua. Então soube que era uma revista que podia fazer a gente ter uma fonte de renda com o nosso próprio trabalho - explicou Geraldo, que morreu de enfisema pulmonar.

Geraldo vendia em média dez exemplares da Ocas por dia. Do dinheiro que ganhava, guardava R$ 10 para comprar mais exemplares, pagava sua passagem, comprava cigarros e se alimentava. O que sobrava, guardava e mandava para a família em Pernambuco, que veio ao Rio após sua morte.

Soluções concretas para a desigualdade social
A Ocas aborda principalmente as iniciativas que resultam em soluções concretas para a desigualdade social. Ao folhear as páginas de qualquer exemplar da revista, o leitor também vai encontrar reportagens sobre lançamentos culturais, cidadania, artigos, entrevistas com personalidades do meio cultural e trabalhos artísticos dos moradores de rua.

O perfil dos leitores da Ocas é bastante diversificado. A faixa etária, por exemplo, não é bem delimitada. Estatísticas e estimativas feitas pelos funcionários da revista apontam que publicações como esta têm no público jovem (de 18 a 25 anos) sua grande fatia de leitores. A constatação que se pode fazer é que a publicação está direcionada para discussões de ordem social e é voltada para todos aqueles que se sentem incomodados com a situação da população de rua.

Gabriela Torres, que é estudante de jornalismo, diz por que escolheu a Ocas para ser voluntária: "Já participei de vários projetos sociais, mas eu estava procurando um onde eu achasse seriedade e percebesse que de alguma maneira poderia modificar, nem que fosse um pouquinho, a sociedade".

Para o sociólogo Paulo Magalhães essa iniciativa demonstra que é possível diminuir um problema histórico e cultural da exclusão social. Mas ele afirma que, para se obter resultados significativos nesse sentido, seria necessário haver uma mobilização de todas as camadas sociais.

- É um entulho histórico, o entulho da população de rua, que está aí e cresce assustadoramente. É simplesmente uma sociedade que não admite o outro, por isso esse outro se torna invisível. Mas quando ele é visualizado a sociedade quer removê-lo. Acho que

este tipo de trabalho não é valorizado o quanto deveria, porque vivemos numa sociedade hierarquizada e muito complexa. Mas é esse tipo de ação que alimenta a possibilidade de você mudar o mundo - explica.

Atualmente a revista não conta com nenhum patrocínio. Além de ser feita por voluntários, a Ocas só possui o apoio da gráfica que imprime as revistas sem nenhum custo. Essa situação traz uma limitação para a expansão e um maior sucesso do projeto. Falta, por exemplo, uma assistência psicológica para acompanhar e dar um suporte aos ex-moradores de rua para que não abandonem o trabalho. Seria necessária também a atuação de voluntários que supervisionassem o trabalho de cada vendedor. Porém, conseguir voluntários e patrocínio para esse tipo de projeto não é uma tarefa fácil.

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 e 28 maio 2006, Laboratório de Imprensa, p. B-9.